



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

**RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO (ESO),
REALIZADO NA CLÍNICA VETERINÁRIA CARDEAL PET, MUNICÍPIO
DE RECIFE – PE, BRASIL.**

**CORNO CUTÂNEO EM COXINS PLANTARES E PALMARES DE UM
FELINO – RELATO DE CASO**

ELÂINE LIDIA DA SILVA DOS REIS

RECIFE, 2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

**RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO (ESO),
REALIZADO NA CLÍNICA VETERINÁRIA CARDEAL PET, MUNICÍPIO
DE RECIFE – PE, BRASIL.**

**CORNO CUTÂNEO EM COXINS PLANTARES E PALMARES DE UM
FELINO – RELATO DE CASO**

Trabalho realizado como exigência parcial para
obtenção do grau de Bacharela em Medicina
Veterinária, sob a orientação da Prof^a. Dr^a.
Roseana Tereza Diniz de Moura.

ELÂINE LIDIA DA SILVA DOS REIS

RECIFE, 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

R375r Reis, Elâine Lidia da Silva dos
Relatório do estágio supervisionado obrigatório (ESO),
realizado na clínica veterinária Cardeal Pet, município de Recife
- PE, Brasil. Como cutâneo em coxins plantares e palmares de
um felino: relato de caso / Elâine Lidia da Silva dos Reis. – 2019.
43 f. : il.

Orientadora: Roseana Tereza Diniz de Moura.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina
Veterinária) – Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Departamento de Medicina Veterinária, Recife, BR-PE, 2019.
Inclui referências.

1. Patologia clínica veterinária 2. Gato – Cirurgia – Recife (PE)
I. Moura, Roseana Tereza Diniz de, orient. II. Título

CDD 636.089



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

**RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO (ESO), REALIZADO NA
CLÍNICA VETERINÁRIA CARDEAL PET, MUNICÍPIO DE RECIFE – PE, BRASIL.**

**CORNO CUTÂNEO EM COXINS PLANTARES E PALMARES DE UM FELINO – RELATO
DE CASO**

Relatório elaborado por
ELÂINE LIDIA DA SILVA DOS REIS

Aprovado em 18/07/2019

BANCA EXAMINADORA

ROSEANA TEREZA DINIZ DE MOURA (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. - UFRPE

ERIKA FERNANDA TORRES SAMICO FERNANDES CAVALCANTI (Membro)

Prof^a. Dr^a. - UFRPE

PATRÍCIA DELGADO FALCÃO (Membro)

Médica Veterinária – Clínica Veterinária Cardeal Pet

MARIA BETÂNIA DE QUEIROZ ROLIM (Suplente)

Prof^a. Dr^a. – UFRPE

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, grande Mestre, por toda sabedoria e experiência a mim presenteada e acrescentada durante todos esses anos e a cada dia. Imensamente e principalmente a meus pais Rosenilda Lidia e Eirilson Galdino, pois nada seria possível sem apoio e sem amor. Ao meu amor, Luzano Reis, pelo companheirismo, paciência e compreensão de todos os momentos. Por tudo que construímos juntos e pelos nossos sonhos e planos.

À Universidade Federal Rural de Pernambuco – Campus SEDE, todos os funcionários e mestres, em especial à professora Dr^a Roseana Diniz pela excelente orientação e atenção a todas as minhas dúvidas. Às professoras Erika Fernanda Torres Samico Fernandes Cavalcanti e Maria Betânia de Queiroz Rolim, por aceitarem constituir minha banca, e aos demais professores responsáveis pela minha formação acadêmica, mestres qualificados com os quais aprendi muito. A tudo que vivi nesta grande instituição que se tornou meu lar. A todos os amigos — Isabela Lustosa, Rose Anne Pimentel, Mayran Ramos, Veridiana Alves, Nathália Souza, Merilene, Jéssica Crasto, Gerlison Melo, Clóvis Cardoso entre tantos outros — que acompanharam esta jornada, alguns mais intensamente, todos com algo para ensinar, que levam um pouco de nós e deixam um pouco de si.

À Instituição que me forneceu estágio durante o período de ESO, Clínica Veterinária Cardeal Pet, onde acima de tudo fiz amizades e tive uma grande supervisora e amiga, Patrícia Falcão. Agradeço a esta, pelas horas dedicadas e aos seus conhecimentos.

A todos os animais que passaram pela minha vida — Princesa, Belinha, Romeu, Nicole, Tufão, Nino, Kiko, Tico, Kaká, Bethowen, Penélope — entre tantos outros que me dedicaram amor incondicional, pela companhia e por me inspirar na Medicina Veterinária. Agradeço por me ensinarem a entender o valor da vida e cuidar dela! Muito obrigada!

EPÍGRAFE

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas graças a Deus, não sou o que era antes.” (Marthin Luther King)

“Os bons cuidam bem dos seus animais, porém o coração dos maus é cruel.” (Provérbios de Salomão 12:10)

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Fachada da Clínica Veterinária Cardeal Pet - Areias 2019. Fonte: Arquivo Pessoal. 17
- Figura 2** - (A) Paciente canino com dermatofitose no primeiro dia da consulta, onde pode-se observar várias áreas com alopecia; Animal após 7 dias (B), 12 dias (C) e 56 dias (D) de tratamento com antifúngico sistêmico e tópico - Recife – 2019. Fonte: Arquivo pessoal. 21
- Figura 3** - Paciente canino positivo para *Leishmania chagasi* no primeiro dia da consulta. Observa-se lesões papulares em borda de orelha (A), moderada sarcopenia (B) e granuloma em região abdominal dorsal (C). - Recife – 2019. Fonte: Arquivo pessoal. 23
- Figura 4** - Exposição do útero de um canino fêmea com piometra, durante o procedimento de OSH patológica. (A) Dilatação do órgão devido a grande quantidade de líquido inflamatório em seu lúmen; (B) Cor e aspecto do conteúdo puncionado do órgão após sua excisão cirúrgica. - Recife – 2019. Fonte: Arquivo pessoal. 31
- Figura 5** - (A) Analisador hematológico, modelo SDH-3 VET Labtest e (B) Bioquímico semi-automático, da marca Sinowa 3000xs, GTGroup utilizados na rotina do laboratório Analisa Pet - Recife – 2019. Fonte: Arquivo pessoal. 33
- Figura 6** - Achados na rotina do laboratório Analisa Pet durante o período de ESO. 34
(A) Cristal de bilirrubina e de (B) biurato de amônio visualizados em sedimentoscopia da urina de um canino; (C) Ovos de *Trichuris* sp. e de (D) *Toxocara* sp. observados no exame coproparasitológico; (E) *Hepatozoon canis*, (F) inclusão viral, (G) célula de Moot, (H), *Babesia canis*, (I) Microfilárias encontradas em esfregaços sanguíneos; (J) Organismos leveduriformes compatíveis com *Sporothrix* spp. em lâmina com imprint de lesão de felino; (L) Formas amastigotas de *Leishmania* spp. observada em PAAF de lesões papulares em borda de orelha em um cão positivo para LVC; (M) *Lynxacarus radovskyi* em exame parasitológico direto de um felino; (N) Pelos infectados por dermatófitos no exame micológico direto; (O) Snap IDEXX 4DX PLUS (Elisa), positivo para *Ehrlichia* sp.; (P) Teste Imunocromatográfico da ALERE FIV/FELV com resultado negativo - Recife – 2019.

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 7 - Cornos cutâneos em coxim palmar de felino 8 anos de idade, SRD, fêmea. 37

FONTE: Arquivo pessoal.

Figura 8 - Cornos cutâneos em coxim plantar de felino 8 anos de idade, SRD, fêmea. 37

FONTE: Arquivo pessoal.

Figura 9 - Resultado do hemograma completo do felino do relato de caso, atendido 37

na Clínica Cardeal Pet, no período de ESO - Recife – 2019. Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 10 - (A, B) Fotomicrografia. Presença de projeções papilares, discreta 39

hiperqueratose em direção à derme. FONTE: Arquivo pessoal.

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1** - Casuística dos atendimentos, relacionados ao aparelho tegumentar, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019. 20
- Tabela 2** - Casuística dos atendimentos, relacionados às doenças infecto-contagiosas, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019. 22
- Tabela 3** - Casuística dos atendimentos, relacionados às afecções do sistema músculo-esquelético, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019. 24
- Tabela 4** - Casuística dos atendimentos, relacionados às afecções no sistema digestório, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019. 24
- Tabela 5** - Casuística dos atendimentos, relacionados às afecções no sistema reprodutivo, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019. 25
- Tabela 6** - Casuística dos atendimentos, relacionados às afecções no sistema urinário, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019. 26
- Tabela 7** - Casuística dos atendimentos, relacionados às afecções cardio-respiratórias, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019. 26
- Tabela 8** - Casuística dos atendimentos, relacionados às afecções no sistema endócrino, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019. 27
- Tabela 9** - Casuística dos atendimentos, relacionados às afecções no sistema oftálmico, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019. 27
- Tabela 10** - Casuística dos atendimentos, relacionados às afecções oncológicas, 28

acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019.

Tabela 11 - Casuística dos atendimentos, relacionados à afecções no sistema nervoso, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019. 30

Tabela 12 - Procedimentos acompanhados no setor de CCPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019. 30

Tabela 13 - Procedimentos cirúrgicos realizados no setor de CCPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019. 31

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1** - Casuística dos atendimentos, separados por sistemas ou especialidades, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019. 19
- Gráfico 2** - Casuística das cirurgias, separadas por sistema, acompanhadas no setor de CCPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019. 30
- Gráfico 3** - Exames realizados no setor de Patologia Clínica Veterinária durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019. 33

LISTA DE ABREVIATURAS

AP – Arquivo pessoal

BID – A cada 12 horas

ESO – Estágio Supervisionado Obrigatório

CCPA – Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais

CGE – Complexo granuloma eosinofílico

CMPA – Clínica Médica de Pequenos Animais

DAPP – Dermatite Alérgica à picada de pulgas

FeLV – Vírus da Leucemia Felina

MVR – Médico Veterinário responsável

OSH – Ovário salpingo histerectomia

PCR – Reação em cadeia da polimerase

RIFI – Reação de Imunofluorescência Indireta

SC – Subcutânea

RESUMO

Com o presente Trabalho de Conclusão de Curso tem-se como objetivo relatar as atividades práticas desenvolvidas no período de 08 de abril a 28 de junho de 2019 na Clínica Veterinária Cardeal Pet, referente à disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – Campus Recife. As atividades foram desenvolvidas nas áreas de Clínica Médica de Pequenos Animais, Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais e Patologia Clínica Veterinária, sob a supervisão da Médica Veterinária Patrícia Delgado Falcão e orientação da Professora Dra^a Roseana Diniz. São contemplados, nesse Trabalho de Conclusão de Curso, uma descrição da estrutura e o funcionamento da clínica, iniciando pelo acompanhamento da rotina médica e cirúrgica de pequenos animais e a rotina do laboratório anexo da empresa. Ainda como objetivo, fez-se uma breve descrição dos atendimentos clínicos em geral e sua casuística clínica neste período, e relatou-se um caso clínico de corno cutâneo em coxins plantares e palmares de um felino, sobre o qual fez-se uma revisão de literatura e discutiu-se os achados e tratamento.

Palavras-chaves: Pequenos animais, clínica, cirurgia, patologia

ABSTRACT

In the present work, for the course conclusion aims to report the practical activities developed in the period from April 8 to June 28, 2019 in the Veterinary Clinic of Cardinal Pet, regarding the subject of Mandatory Supervised Internship (ESO) of the Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - Campus Recife. The activities were developed in the areas of Medical Clinic for Small Animals, Surgical Clinic for Small Animals and Veterinary Clinical Pathology, under the supervision of the Veterinary Physician Patrícia Delgado Falcão and guidance from Professor Roseana Diniz. In this Work of Course Conclusion, a description of the structure and operation of the clinic are contemplated, starting with the monitoring of the medical and surgical routine of small animals to the routine of the laboratory attached to the company. Also as an objective, we make a brief description of the clinical care in general and its clinical casuistry in this period, and we report a clinical case of cutaneous horn in plantar and palmar cushions of a feline, on which we make a literature review and discuss the findings and treatment.

Key-words: Small animals, clinic, surgery, pathology

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

EPIÍGRAFE

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE TABELAS

LISTA DE GRÁFICOS

LISTA DE ABREVIATURAS

RESUMO/ABSTRACT

1. INTRODUÇÃO SOBRE O ESO	16
2. LOCAL DE ESTÁGIO	17
2.1 Rotina da Clínica Veterinária Cardeal Pet	17
2.2 Atividades desenvolvidas	18
3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	18
3.1 Setor de Clínica Médica de Pequenos animais	19
3.1.1 Casuística e comentários	19
3.2 Setor de Clínica Cirúrgica de Pequenos animais	29
3.2.1 Casuística e comentários	30
3.3 Setor de Patologia Clínica Veterinária	32
3.3.1 Casuística e comentários	33
4. RELATO DE CASO	35
4.1 Corno cutâneo em coxins plantares e palmares de um felino	35
4.1.1 Resumo	35
4.1.2 Fundamentação teórica	35
4.1.3 Objetivo	36
4.1.4 Relato de caso	36

4.1.5 Resultado e discussão	37
4.1.6 Conclusão	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
6. REFERÊNCIAS	40

1. INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado Obrigatório é uma disciplina valiosa, vivida pelo estudante de graduação durante as etapas finais da conclusão de um curso, seja de bacharelado ou licenciatura. Devido ao seu caráter prático, e por proporcionar uma visão real do mercado de trabalho e atuação do profissional que o estudante almeja ser, a importância desta disciplina é notória na Medicina Veterinária, visto ser uma profissão, em sua totalidade, prática.

O leque de áreas ofertado para o Médico Veterinário recém-formado é vasto, e requer certa experiência do mesmo em algumas delas para poder diferenciar e selecionar as que mais possui afinidade, e o estágio o oferece esta oportunidade. Seja na clínica médica de pequenos animais, grandes animais ou silvestres, em um laboratório produzindo medicamentos, vacinas ou diagnosticando doenças, trabalhando como sanitarista, atuando como Responsável Técnico em uma empresa de produtos de origem animal ou seguindo carreira acadêmica, o Médico Veterinário exerce sua importância na sociedade e contribui com esta. A vivência na área escolhida para exercer, ou em uma área onde não se teve experiência no decorrer da graduação, leva ao aluno lições para a vida profissional.

O presente relatório refere-se à experiência obtida dentro de uma clínica médica veterinária, a Clínica Veterinária Cardeal Pet, com duração de 420 horas, realizada entre os dias 08 de abril de 2019 e 28 de junho de 2019.

As atividades realizadas na clínica médica envolvem a rotina do médico veterinário — realização de consultas, exames físicos e complementares, discussões de casos e tratamentos instituídos. Na área de clínica cirúrgica, as atividades englobavam preparação do animal, auxílio no decorrer dos procedimentos cirúrgicos, medicação e cuidados pós cirúrgicos até ser instituída a alta do paciente. Na área de patologia clínica, as atividades envolviam o recebimento das amostras para hematologia, bioquímica, citologia, urinálise, parasitológicos de pele e de fezes, prosseguindo com o processamento destas, elaboração de laudos e envio destes para os tutores.

Este trabalho de conclusão de curso descreve a infraestrutura e funcionamento do local de estágio, descreve alguns casos atendidos e acompanhados durante o período, listando a casuística destes. Dentre estes casos, foi escolhido um caso clínico aqui relatado e discutido com a literatura, sendo o mesmo na área de clínica médica de pequenos animais.

2. LOCAL DE ESTÁGIO

A Clínica Veterinária Cardeal Pet (Figura 1) está localizada em Recife, na Rua Aurora Caçote, 632, Bairro de Areias. Os horários de atendimentos são das 08:00h às 12:00h e das 13:00 às 17:30h de segunda a sábado, realizados pelo Médico Veterinário, estagiários e contratados. As consultas veterinárias não precisam ser agendadas, porém cirurgias eletivas necessitam de agendamento prévio.

Figura 1 - Fachada da Clínica Veterinária Cardeal Pet - Areias 2019. Fonte: Arquivo Pessoal.



2.1. Rotina da Clínica Veterinária Cardeal Pet

A Clínica Veterinária Cardeal Pet permanece aberta nove horas e meia por dia, porém após esse horário a rotina do laboratório continua por mais uma hora. Durante o período de estágio foi possível acompanhar a rotina das 08:00h às 17:00h, de segunda a sexta-feira, totalizando 40 horas semanais.

Ao chegarem à Clínica, os tutores dirigem-se para a recepção, onde uma ficha clínica é aberta em um sistema de gestão denominado *SimplesVet*; neste, são adicionados dados do tutor e do paciente enquanto aguardam atendimento. Os pacientes são atendidos por ordem de chegada, exceto as emergências, pois possuem prioridade.

Os animais são atendidos pelo médico veterinário responsável, realiza-se a anamnese, exame físico e, se necessário, são solicitados exames complementares. Se

for o caso de realizar-se intervenção cirúrgica, após agendamento prévio, o animal é levado para a sala de cirurgia onde se realizam os preparos necessários para anestésias o paciente. Os procedimentos cirúrgicos são realizados pelo próprio veterinário, juntamente com um auxiliar. A clínica não possui serviço de internamento, os animais que necessitam de monitoramento são acompanhados pelo tutor até o final do expediente, quando são liberados com encaminhamento para internamento em clínica veterinária 24 horas e orientados para retornarem no dia seguinte, se necessário.

A clínica conta com sala de recepção; 1 consultório para atendimento com aparelho de ultrassonografia; 1 sala para preparo do paciente, venóclise, fluidoterapia, colheita de sangue para exames bioquímico ou hemograma; 1 sala para cirurgia com aparelho de eletrocardiografia. Como anexo há uma área específica no PetShop, para banho e tosa, e outra onde fica o Laboratório “Analisa Pet”.

O ambulatório cirúrgico possui uma área para guardar materiais (onde são armazenados solução fisiológica, fios de sutura, lâminas de bisturi, luvas estéreis e sondas uretrais), um aparelho de anestesia inalatória, um aparelho de eletrocardiograma, mesa para instrumental cirúrgico, mesa para materiais como álcool, iodopovidona, clorexidina e gazes e uma pia com escovas e clorexidina para escovação de mãos e braços.

2.2. Atividades desenvolvidas

As atividades realizadas durante o estágio incluíram o acompanhamento das consultas médicas, procedimentos cirúrgicos, exames de ultrassonografia e eletrocardiografia, monitoramento de pacientes críticos estabilizados e realização de exames no laboratório de patologia clínica veterinária Analisa Pet.

3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Durante o período de estágio na Cardeal Pet foi possível acompanhar os setores de Clínica Médica (CMPA) e Cirúrgica de Pequenos animais (CCPA) e Patologia Clínica Veterinária. Na primeira semana de estágio foi instituído um cronograma estabelecendo os setores que o estagiário acompanharia durante os dias de permanência na Clínica Cardeal Pet. Pela manhã o estagiário acompanhava a rotina de CMPA e pela tarde a rotina do laboratório. Porém, essa tabela era alterada quando

houvesse cirurgias ou quando chegavam casos clínicos urgentes ou raros no período da tarde.

3.1. Setor de Clínica Médica de Pequenos Animais

No setor de CMPA, foi possível acompanhar a rotina do médico veterinário em seus atendimentos e levantar questões sobre os casos clínicos. O estagiário era responsável pela contenção do paciente, pelo auxílio nos procedimentos de coleta de exames ou outras amostras, encaminhamento destas ao laboratório clínico, preparo do paciente para realizar exames de imagem, auxílio em procedimentos clínicos gerais e em manobras emergenciais quando solicitado. Poderia também realizar anamnese, exame físico, coleta de amostras biológicas, administrar medicamentos, monitorar pacientes críticos e acompanhar discussões de casos clínicos. Todas estas atividades eram orientadas e supervisionadas pelo MVR.

No momento da consulta, ou após esta, o veterinário preenchia o histórico do paciente no sistema *SimplesVet*®, onde eram adicionados queixa clínica, exame físico, suspeita clínica, diagnóstico atual, tratamento e data prevista para retorno. Também era possível ter acesso ao histórico dos pacientes e receitas prescritas anteriormente, utilizando nome do paciente ou do proprietário para efetuar a busca.

3.1.1. Casuística e comentários

Neste período foram acompanhados 237 pacientes, dentre eles 150 eram caninos, representando 63,29% dos pacientes. A casuística na CPMA foi ampla, tendo grande importância as afecções no sistema tegumentar (Gráfico 1), principalmente os casos de otite e dermatofitoses (Tabela 1).

Gráfico 1 - Casuística dos atendimentos, separados por sistemas ou especialidades, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019.

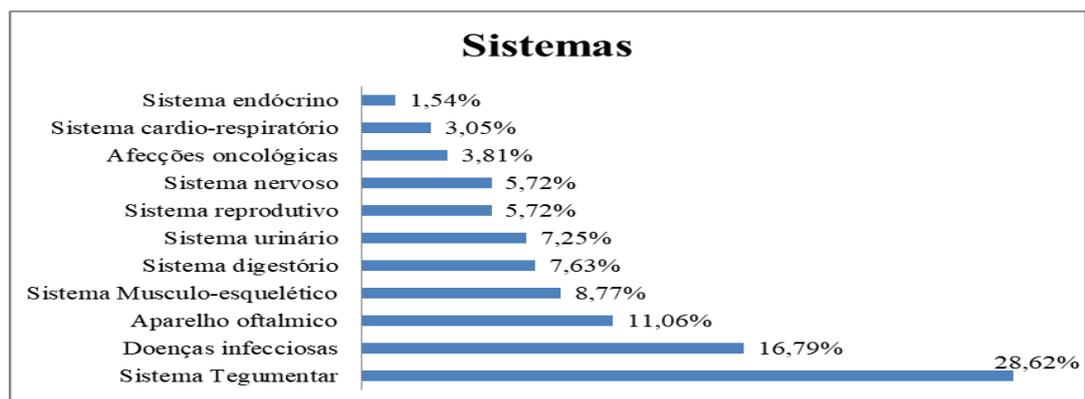


Tabela 1 - Casuística dos atendimentos, relacionados ao aparelho tegumentar, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019.

Afecções	Diagnóstico	Espécie		Total	Frequência %
		Canina	Felina		
Aparelho tegumentar	Otite	24	1	25	33,4
	Atopia	3	0	3	4,0
	Piodermite	3	0	3	4,0
	DAPP	0	3	3	4,0
	Sarna Demodécica	5	0	5	6,7
	Reação a picada de inseto	2	1	3	4,0
	Dermatite de contato	3	0	3	4,0
	Dermatofitose	11	1	12	16,0
	Otohematoma	1	0	1	1,34
	Esporotricose	1	8	9	12,0
	Inconclusivo	3	0	3	4,0
	Doenças do CGE	0	5	5	6,7
TOTAL		56	19	75	

Legenda: CGE – Complexo Granuloma Eosinofílico; DAPP – Dermatite Alérgica à picada de pulga.

Durante todo o período de estágio foram atendidos 25 casos de otite, sendo um caso em um felino (Tabela 1). A queixa dos tutores, na maioria dos relatos, era de que o animal apresentava mal cheiro na região auricular, constante balançar da cabeça e que os mesmos esfregavam as patas constantemente na cabeça e olhos. Ao exame clínico foi possível observar, nesses pacientes, rubor e exsudato na orelha externa, inclinação da cabeça nos casos mais graves e aumento de linfonodos submandibulares. Diante dessas observações, o diagnóstico sugestivo era de otite, e assim era providenciada a pesquisa do agente causador. Cerca de 83% das otites acompanhadas no estágio eram de origem fúngica, tendo como principal agente leveduras de *Malassezia* spp..

Independente da etiologia, o tratamento incluía limpeza prévia do conduto auditivo com soluções de limpeza (FAGRA, 2006). Em casos complicados, uma lavagem otológica, com o animal sedado, se faz necessária, tendo o cuidado com a integridade da membrana timpânica, pois se não estiver intacta alguns medicamentos não podem ser utilizados (BESSOLI, 2008). Após retirado o excesso de cerúmen é realizada a aplicação de produto terapêutico de acordo com a suspeita etiológica, sendo a via tópica a mais utilizada; porém, quando há o rompimento do tímpano, opta-se pela terapia sistêmica à base de sulfonamidas potencializadas com

trimetropim, por exemplo, ou antifúngicos como o cetoconazol. Corticóides também são utilizados para reduzir edema e a dor que a otite causa nos pacientes, porém, deve-se ter cuidado para não imunossuprimir (RHODE, 2002). O prognóstico é de favorável a reservado de acordo com o grau de inflamação e infecção do conduto auditivo e integridade da membrana timpânica, fato esse observado na rotina da clínica.

A dermatofitose é uma doença zoonótica (MOZES et al., 2015) causada por infecção fúngica das camadas mais queratinizadas da pele, além de pelos e unhas (RAMSEY; TENNANT, 2001). Foram atendidos 12 animais com dermatofitose no período de estágio (Tabela 1), todos apresentando áreas arredondadas alopecias pelo corpo, com prurido leve ou ausente (Figura 2).

Figura 2 - (A) Paciente canino com dermatofitose no primeiro dia da consulta, onde pode-se observar várias áreas com alopecia; Animal após 7 dias (B), 12 dias (C) e 56 dias (D) de tratamento com antifúngico sistêmico e tópico - Recife – 2019. Fonte: Arquivo pessoal.



Estes, foram submetidos a exames parasitológico e micológico direto com KOH a 10% e pôde-se observar pelos com ausência de definição e com organismos em forma de conta e do tipo endotrix em seu interior, sugerindo infecção por dermatófitos (Figura 6N). O tratamento ideal para esta afecção dermatológica é por

meio da associação tópica e sistêmica de antifúngicos, assim como controle rígido de limpeza e desinfecção do ambiente onde o animal vive.

O antifúngico cetoconazol é o fármaco de eleição na terapia sistêmica, porém também se utiliza o itraconazol; e a griseofulvina ainda é utilizada por alguns médicos veterinários. Na terapia tópica, xampus, sprays e cremes à base de cetoconazol, miconazol e clorexidine são utilizados associados à terapia sistêmica, porém, segundo MANSON et. al (2000), a utilização de clorexidine a 2% e miconazol a 2% são mais eficazes para o tratamento de dermatofitoses em cães e gatos.

Das doenças infecciosas, a de maior frequência foram as verminoses (Tabela 2), sendo o grupo mais afetado o de filhotes, seguido de cães com vermifugação atrasada. A maioria dos animais tinha histórico de fezes amolecidas e com “raios” de sangue além de apatia moderada e descarga ocular. Quando era possível a realização de hemograma dos pacientes observava-se grande leucocitose por eosinofilia, decorrente da infestação verminótica.

Tabela 2 - Casuística dos atendimentos, relacionados às doenças infecto-contagiosas, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019.

Afecções	Diagnóstico	Espécie		Total	Frequência %
		Canina	Felina		
Doenças infecto- contagiosas	FIV	0	3	3	6,81
	Cinomose	4	0	4	9,09
	Verminoses	12	1	13	29,5
	Erlichiose	10	0	10	22,7
	Anaplasnose	6	0	6	13,6
	Parvovirose	3	0	3	6,81
	Giardiase	2	0	2	4,54
	Babesiose	2	0	2	4,54
	Leishmaniose visceral	1	0	1	2,27
TOTAL		40	4	44	

Legenda: FIV – Vírus da Imunodeficiência Felina.

A erliquiose e a anaplasnose são doenças transmitidas pelo carrapato, e foram diagnosticadas em 16 animais, durante o período de estágio, sendo que seis apresentavam coinfeção, enquanto quatro apenas *Erlichia* sp. Estes pacientes se encontravam apáticos, com hiporexia, fezes pastosas a líquidas e com sangue; além

de alguns apresentarem petéquias na pele, sendo estas visualizadas principalmente no ventre e na região medial dos membros. No hemograma se apresentavam com trombocitopenia e leucopenia e foram tratados com doxiciclina na dose de 10mg/kg a cada 12 h, por via oral durante 28 a 30 dias (SHERDING, 2008).

Houve um caso de Leishmaniose Visceral Canina (LVC) comprovada através de RIFI e PCR para o agente *Leishmania chagasi*. O animal apresentava granulomas no corpo, sendo o mais proeminente na região de dorso, hiperqueratose nasal, linfadenomegalia, emagrecimento progressivo e descamação acentuada da pele e lesões papulares em borda de orelha (Figura 3).

Figura 3 - Paciente canino positivo para *Leishmania chagasi* no primeiro dia da consulta. Observa-se lesões papulares em borda de orelha (A), moderada sarcopenia (B) e granuloma em região abdominal dorsal (C). - Recife – 2019. Fonte: Arquivo pessoal.



No exame parasitológico foram encontradas formas amastigotas em todos os tecidos coletados (linfonodos, granulomas e pápulas) (Figura 6L). Foi realizado um termo de compromisso terapêutico com a tutora, visto ser a Leishmaniose uma zoonose importante, e prosseguiu-se com terapia à base de miltefosina na dose de 2mg/kg uma vez ao dia, durante 28 dias, além de alopurinol e domperidona associado ao uso de coleira repelente. Com 10 dias do início do fármaco o animal já se apresentava mais ativo, com aumento de peso e granuloma com diâmetro diminuído. Essa terapia prossegue por tempo e protocolo a serem redefinidos pela resposta terapêutica.

Tabela 3 - Casuística dos atendimentos, relacionados às afecções do sistema músculo-esquelético, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019.

Afecções	Diagnóstico	Espécie		Total	Frequência %
		Canina	Felina		
Sistema músculo-esquelético	Luxação de patela	2	0	2	8,69
	Hérnia diafragmática	0	2	2	8,69
	Síndrome cão nadador	5	0	5	21,7
	Míiase	11	1	12	52,1
	Lesão muscular	2	0	2	8,69
TOTAL		20	3	23	

Casos de míiase foram os mais acompanhados nas afecções de sistema músculo esquelético (Tabela 3) sendo a maioria em cães idosos ou convalescentes, e as regiões mais afetadas foram cabeça (pavilhão auricular, olhos, boca, focinho) e região caudal (escroto, área perianal, pênis), respectivamente. Os animais foram tratados de forma convencional realizando-se sedação e retirada manual, com pinças, da maioria das larvas das galerias formadas na pele, com posterior limpeza do local com Clorexidine a 2% e Lauril Dietileno Glicol Éter Sulfato de Sódio a 28%. Antibióticos que agissem bem a nível tegumentar, e anti-inflamatórios também, eram prescritos via sistêmica, visto o grande dano que as larvas causam ao tecido e organismo.

Tabela 4 - Casuística dos atendimentos, relacionados às afecções no sistema digestório, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019.

Afecções	Diagnóstico	Espécie		Total	Frequência %
		Canina	Felina		
Sistema digestório	Gastrite	2	0	2	10,0
	Pancreatite	1	0	1	5,00
	Avaliação periodontal	6	0	6	30,0
	Colite	6	1	7	35,0
	Estomatite gengivite	0	4	4	20,0
TOTAL		15	5	20	

Dos 6 felinos com afecções no sistema digestório, 5 apresentavam lesões em cavidade oral, com sialorréia, histórico de falta de apetite e de crises recorrentes (Tabela 4). No exame de cavidade oral era observado gengivite, periodontite, estomatite, halitose e desidratação moderada além da presença de ácaros no pelo ou pulgas. Um destes felinos era FIV positivo, sendo este quadro desencadeado pela imunossupressão causada pelo vírus, assim, neste caso optou-se por realização da exodontia completa tendo o paciente grande melhora do quadro (GIOSO, 2003).

A piometra é um processo inflamatório associado com infecção bacteriana que ocorre no útero de cadelas e gatas, causado pelo acúmulo de secreções purulentas no lumén do órgão, estando seu aparecimento relacionado com desordens hormonais (ETTINGER; FELDMAN, 2004); havendo risco de septicemia com choque, hipotermia e colapso. Os animais atendidos apresentavam histórico de êmese, cios irregulares, inapetência, distensão abdominal e secreção vaginal nos casos de piometra de cervix aberta (Tabela 5). O tratamento instituído, em 100% dos casos, foi a ovário-salpingo-histerectomia (OSH) de urgência, sabendo que esta afecção, se não tratada com urgência, tem alto índice de mortalidade (FERREIRA, 2006), principalmente quando na piometra fechada (NELSON; COUTO, 2006).

Tabela 5 - Casuística dos atendimentos, relacionados às afecções no sistema reprodutivo, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019.

Afecções	Diagnóstico	Espécie		Total	Frequência %
		Canina	Felina		
Sistema reprodutivo	Piometra	8	0	8	53,3
	Criptorquidismo	2	0	2	13,3
	Lesão peniana	1	0	1	6,66
	Mastite	1	0	1	6,66
	Morte fetal	2	0	2	13,3
	Ovários císticos	1	0	1	6,66
TOTAL		15	0	15	

Como tinha-se à disposição um aparelho de ultrassonografia no consultório, muitas patologias do sistema urinário eram diagnosticadas durante o atendimento clínico, dentre elas, o espessamento de parede da vesícula urinária (sugerindo cistite)

e a presença de sedimentos com ou sem cálculos vesicais (urolitíase) eram os mais encontrados (Tabela 6). Foram realizadas 7 desobstruções uretrais, no período de estágio, em animais com histórico de anúria cursando com apatia, tendo resultados satisfatórios na melhora clínica destes pacientes.

Tabela 6 - Casuística dos atendimentos, relacionados às afecções no sistema urinário, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019.

Afecções	Diagnóstico	Espécie		Total	Frequência %
		Canina	Felina		
Sistema urinário	DRC	1	2	3	15,7
	Calculo vesical	5	1	6	31,5
	Cistite	6	3	9	47,3
	Divertículo vesical	1	0	1	5,26
TOTAL		13	6	19	

Legenda: DRC – Doença Renal Crônica.

Os casos de edema pulmonar cursaram junto com alterações cardíacas (cardiomegalia e insuficiência de mitral e tricúspide) em animais senis, e um caso de efusão pleural em um felino com carcinoma mediastínico, sendo realizado toracocentese (Tabela 7), obtendo-se melhora no quadro respiratório.

Tabela 7 - Casuística dos atendimentos, relacionados às afecções cardio-respiratórias, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019.

Afecções	Diagnóstico	Espécie		Total	Frequência %
		Canina	Felina		
Sistema cardio-respiratório	Bronquite	1	1	2	25,0
	Edema pulmonar	3	0	3	37,5
	Efusão pleural	0	1	1	12,5
	Insuficiência mitral e tricúspide	1	0	1	12,5
	Cardiomegalia	1	0	1	12,5
TOTAL		6	2	8	

Pôde-se acompanhar o tratamento de três cães com Diabetes mellitus, mas em um deles havia hiperadrenocorticismo também associado (Tabela 8). Tais pacientes apresentavam sinais clássicos da doença, como polifagia, polidipsia, poliúria e perda de peso (NELSON, 2007). Eram tratados com insulina e manejados quanto à dieta (sendo esta restrita a ração específica para cães diabéticos), assim como tinham a glicemia monitorada pelos seus tutores, periodicamente. Alguns apresentaram períodos de desequilíbrio no tratamento, sendo a dose da insulina ajustada de acordo com a necessidade individual.

Tabela 8 - Casuística dos atendimentos, relacionados às afecções no sistema endócrino, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019.

Afecções	Diagnóstico	Espécie		Total	Frequência %
		Canina	Felina		
Sistema endócrino	Diabetes mellitus	3	0	3	75,0
	Hiperadrenocorticismo	1	0	1	25,0
TOTAL		4	0	4	

Uveíte foi a afecção mais comum encontrada na casuística oftalmológica em cães (Tabela 9), e em cerca de 80% dos casos, quando bilateral, havia associação com a fase aguda da Erlichiose canina, já que a *Ehrlichia* sp., ao se multiplicar na corrente sanguínea, gera quadros de vasculite generalizada (NELSON; COUTO, 2001).

Tabela 9 - Casuística dos atendimentos, relacionados às afecções no sistema oftálmico, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019.

Afecções	Diagnóstico	Espécie		Total	Frequência %
		Canina	Felina		
Aparelho oftálmico	Úlcera de córnea	4	1	5	17,2
	Catarata senil	5	0	5	17,2
	Catarata juvenil	1	0	1	3,44
	Uveíte	12	5	17	58,6
	Blefarite	1	0	1	3,44
TOTAL		23	6	29	

Foi observado que a maioria dos tumores encontrados durante o período de estágio se tratava de lipomas (Tabela 10), principalmente em pacientes acima do peso. Foi encontrado tumor da glândula da pálpebra inferior, Meibômio, em dois cães, um Labrador Retriever e um Bernese Montanhês, sendo o Labrador uma raça predisposta a esta afecção (DUBIELZIG, 2014a).

Tabela 10 - Casuística dos atendimentos, relacionados às afecções oncológicas, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019.

Afecções	Diagnóstico	Espécie		Total	Frequência %
		Canina	Felina		
Oncológicas	Meibômio	2	0	2	20,0
	Epúlida	1	0	1	10,0
	Lipoma	3	0	3	30,0
	Corno cutâneo	0	1	1	10,0
	Carcinoma mamário	1	0	1	10,0
	Hiperplasia mamária	0	1	1	10,0
	Linfoma alimentar	0	1	1	10,0
TOTAL		7	3	10	

Animais apresentando convulsões também foram atendidos durante o período de estágio, representando o sinal clínico mais frequente dentro das afecções do sistema nervoso em cães e gatos (Tabela 11). Os animais nestes casos apresentaram este desequilíbrio de sinapses de maneira abrupta, sem histórico de trauma, segundo o tutor. Apenas em um destes casos, o animal, que era um felino, se encontrava intoxicado, possivelmente com “chumbinho”, e veio a óbito mesmo após todos os procedimentos terapêuticos de emergência.

A síndrome vestibular foi observada em um cão e um gato com casos de otite média, ambos com inclinação de cabeça para o lado do ouvido afetado. Os pacientes acompanhados não apresentaram nistagmo, e com o fim do tratamento com antibióticos sistêmicos e otológicos associados à limpeza do conduto auditivo, essa vestibulopatia regrediu e os sinais neurológicos cessaram.

Tabela 11 - Casuística dos atendimentos, relacionados à afecções no sistema nervoso, acompanhados no setor de CMPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019.

Afecções	Diagnóstico	Espécie		Total	Frequência %
		Canina	Felina		
Sistema nervoso	Epilepsia idiopática	1	0	1	6,66
	Epilepsia	7	1	8	53,3
	Síndrome vestibular	1	1	2	13,3
	Opstótono e nistagmo	1	0	1	6,66
	Inconclusivo	3	0	3	20,0
TOTAL		13	2	15	

Vários procedimentos, em cães e gatos, também foram realizados durante o período de ESO, sob orientação dos MVR (Tabela 12).

Tabela 12 - Procedimentos acompanhados no setor de CCPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019.

Procedimentos	Espécie		Total	Frequência %
	Canina	Felina		
Desobstrução uretral	2	5	7	5,51
Punção pleural	0	1	1	0,78
Lavagem retal	0	1	1	0,78
Transfusão sanguínea	2	0	2	1,57
Inseminação artificial	1	0	1	0,78
Assistência a casos de envenenamento	0	3	3	2,36
Punção de bexiga	8	5	13	10,2
Eutanásia	8	4	12	9,44
Aplicação de vacinas	52	34	86	67,7
TOTAL	74	53	127	

3.2. Setor de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais

Na Clínica Veterinária Cardeal Pet foi possível acompanhar o setor de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, e procedimentos cirúrgicos realizados. O estagiário era responsável pela contenção do paciente para realização do acesso venoso, realização da tricotomia, organização dos materiais e equipamentos necessários para

realização do procedimento cirúrgico, realização da antissepsia prévia e auxílio ao Veterinário para antissepsia pré - cirúrgica. O paciente era encaminhado para o ambulatório cirúrgico mediante autorização para procedimento assinado pelo tutor, exame de sangue completo e em casos de pacientes com mais de 12 anos era solicitado ecocardiograma ou eletrocardiograma.

O paciente submetido ao procedimento cirúrgico recebia cateterização intravenosa e após isso indução anestésica pelo anestesista responsável. Após a realização da indução anestésica o paciente era intubado quando necessário (braquicefálicos, idosos, cardiopatas, neuropatas ou pacientes graves) e conectado a anestesia inalatória. Nesse momento o estagiário realizava a tricotomia do local cirúrgico e antissepsia do mesmo com iodopovidona. Logo após esses procedimentos o veterinário era avisado, então seguia para sua antissepsia e paramentação. Após o procedimento cirúrgico e depois da completa recuperação anestésica, os pacientes submetidos a cirurgias simples e eletivas eram liberados, geralmente portando receitas prescritas pelo cirurgião responsável. Porém, pacientes de cirurgias mais complexas ou que apresentavam alterações significativas durante o procedimento cirúrgico, permaneciam em observação até o final do expediente e/ou era solicitado encaminhamento para internamento em clínicas veterinárias particulares 24 horas.

3.2.1. Casuística e comentários

Neste período foram acompanhados 33 pacientes, dentre eles 17 eram felinos, representando 51,51% dos pacientes (Tabela 13). Cirurgias em estruturas do trato reprodutivo foram as mais realizadas de acordo com o Gráfico 2, representando 72,7% (24/33) da casuística do setor de clínica cirúrgica de Pequenos Animais, estando em destaque as castrações eletivas em felinos, seguido das OSH devido a piometra em cadelas (Figura 4).

Gráfico 2 - Casuística das cirurgias, separadas por sistema, acompanhadas no setor de CCPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019.

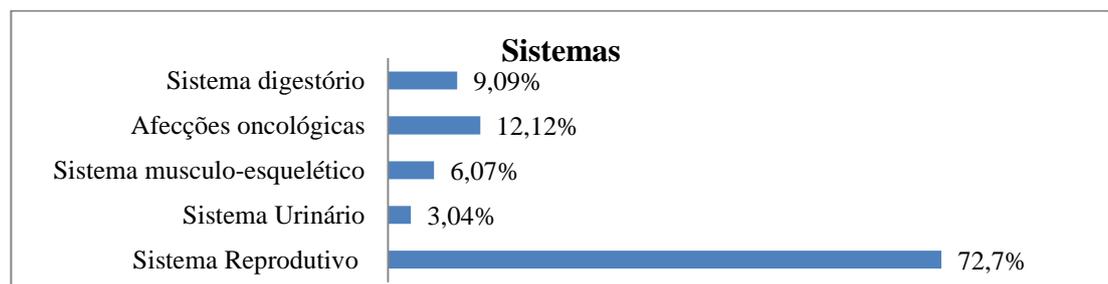


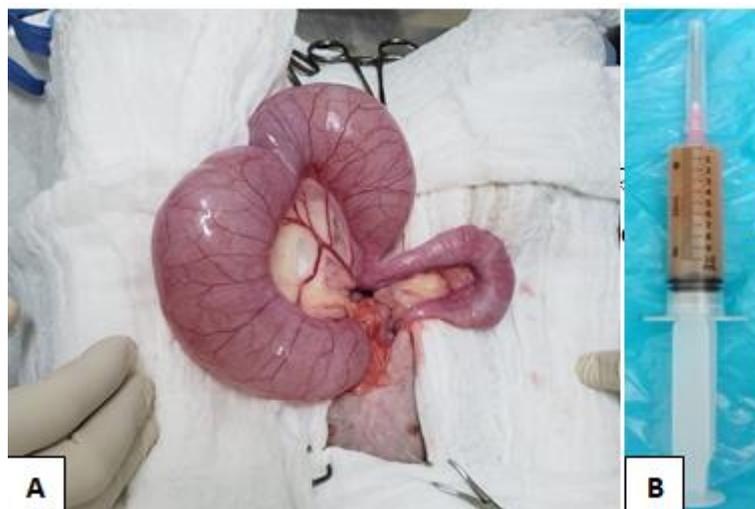
Tabela 13 - Procedimentos cirúrgicos realizados no setor de CCPA durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019.

Procedimento cirúrgico	Espécie		Total	Frequência %
	Canina	Felina		
OSH	2	6	8	24,2
ORQ	2	10	12	36,3
OSH devido Piometra	4	0	4	12,1
Tratamento odontológico	2	1	3	9,09
Mastectomia bilateral	2	0	2	6,06
Exérese de tumor em MPE	1	0	1	3,03
Remoção de neoformação palpebral	1	0	1	3,03
Sutura de feridas	1	0	1	3,03
Cistotomia	1	0	1	3,03
TOTAL	16	17	33	

Legenda: OSH – Ovário-salpingo-histerectomia ; ORQ – Orquiectomia.

A casuística encontrada durante o estágio no setor de CCPA condiz com a literatura, que afirma ser a OSH o procedimento mais realizado no setor (GOETHEM et al., 2006). As OSH's acompanhadas, eletivas ou por motivo de piometra, eram realizadas através de celiotomia retro-umbilical através da linha média ventral, sendo esta abordagem a mais utilizada, segundo HOWE (2006). Após isto os ovários eram exteriorizados e os pedículos ovarianos eram ligados.

Figura 4 - Exposição do útero de um canino fêmea com piometra, durante o procedimento de OSH patológica. (A) Dilatação do órgão devido a grande quantidade de líquido inflamatório em seu lúmen; (B) Cor e aspecto do conteúdo puncionado do órgão após sua excisão cirúrgica. - Recife – 2019. Fonte: Arquivo pessoal.



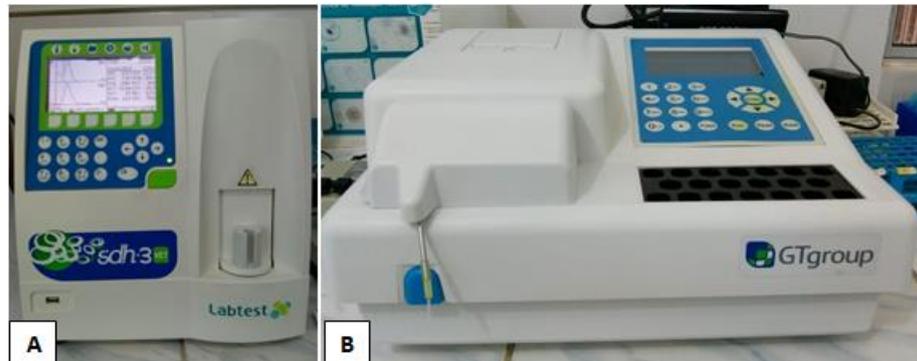
As extremidades dos cornos uterinos eram posicionados pelo estagiário de forma que o cirurgião conseguisse ligar bilateralmente as artérias uterinas, transfixar, ligar e seccionar o útero. Os órgãos reprodutivos eram retirados e a cavidade era fechada em dois planos de sutura. Cirurgias de OSH realizadas por motivo de piometra eram manipuladas de modo bem mais cauteloso devido ao risco de ocorrer vazamento do conteúdo luminal do útero para cavidade abdominal, devido a isso, em muitas cirurgias, o útero não era transfixado, devido a fragilidade do tecido.

3.3. Setor de Patologia Clínica Veterinária

No laboratório Analisa Pet foi possível acompanhar a rotina de patologia clínica veterinária. No setor, o estagiário acompanhou e realizou, sob supervisão, exames laboratoriais como hemograma, bioquímica sérica, urinálise, análise de derrames cavitários, exame parasitológico de tegumento cutâneo, além de exames citológicos de amostras colhidas por aspiração ou biópsia. O diferencial leucocitário era realizado por meio da análise microscópica de 100 células em esfregaço sanguíneo corado com panótico rápido (*Newprov*). No mesmo esfregaço eram avaliadas a morfologia das hemácias e dos leucócitos, a pesquisa de hemoparasitas ou presença de inclusões como corpúsculos de Lentz. A dosagem de proteínas plasmáticas totais era realizada através da refratometria, após centrifugação.

O Laboratório Analisa Pet presta serviços internos e para outras clínicas veterinárias particulares da região. O laboratório conta com duas salas, sendo uma usada para equipamentos de hematologia, bioquímica e microscopia, e outra sala destinada à centrifugação, equipada com centrifugas e digitação dos laudos. O equipamento de hematologia é um analisador hematológico, da marca Labtest modelo SDH-3 VET® (Figura 5A). O equipamento realiza, atualmente, hemograma (eritrograma completo e leucograma) de no mínimo 13 espécies (Cão, Gato, Cavalo, Boi, Porco, Rato, Camundongo, Coelho, Ferret, Chimpanzé, Cabra, Ovelha, Cobaia), sendo que outros perfis também podem ser definidos pelo operador. O aparelho de bioquímica é um semi-automático da marca GTgroup, modelo SX 3000M® (Figura 5B) e atualmente é utilizado para as dosagens de alanina aminotransferase (ALT), aspartato aminotransferase (AST), ureia, creatinina, albumina, fosfatase alcalina (FA), ácido úrico, alfa amilase, gama glutamil transferase (GGT), fósforo, cálcio, triglicérides, colesterol total e proteína urinária.

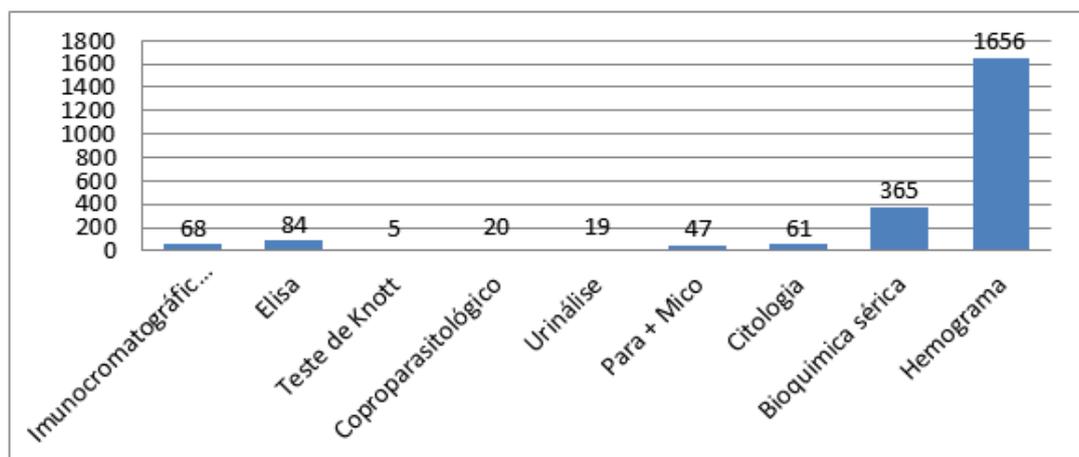
Figura 5 - (A) Analisador hematológico, modelo SDH-3 VET Labtest® e (B) Bioquímico semi-automático, da marca Sinowa 3000xs, GTGroup® utilizados na rotina do laboratório Analisa Pet - Recife – 2019. Fonte: Arquivo pessoal.



3.3.1. Casuística e comentários

Foram realizados um total de 2.325 exames durante o período de abril de 2019 a julho de 2019, sendo 72,60% (1.688/2.325) exames na espécie canina, 27,40% (637/2.325) na espécie felina. O total de exames foi dividido nas categorias: sumário de urina, hemograma, citologia, coproparasitológico (Figura 6C e D), Elisa, Imunocromatográficos (Figura 6P), parasitológico e micológico de pele (Figura 6M e N), e bioquímicos. A maior casuística foi de hemogramas 71,22% (1.656/2.325), seguido pelos exames bioquímicos 15,59% (365/2.325), conforme o Gráfico 3.

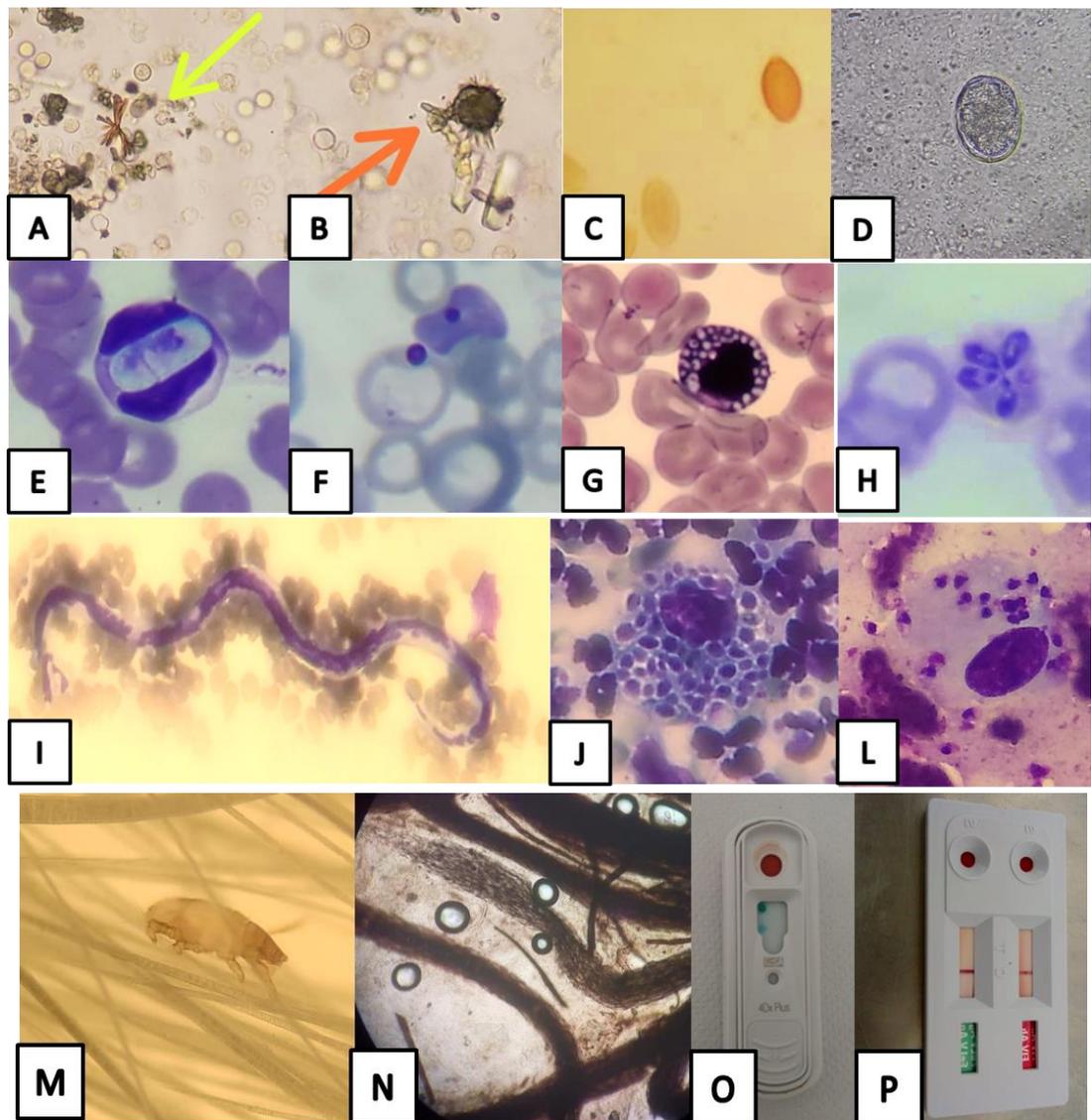
Gráfico 3 - Exames realizados no setor de Patologia Clínica Veterinária durante o período de 08 de abril a 28 de junho, na Clínica Veterinária Cardeal Pet - Recife – 2019.



A contagem e morfologia das células sanguíneas revelada em um esfregaço sanguíneo é uma importante ferramenta, auxiliando no diagnóstico de diversas enfermidades. Este exame, realizado por um Patologista Clínico Veterinário, traz

importantes informações além de revelar a presença de vários hemoparasitas (Figura 6E, H, I e L) e a ocorrência de inclusões virais (Figura 6F).

Figura 6 - Achados na rotina do laboratório Analisa Pet durante o período de ESO. (A) Cristal de bilirrubina e de (B) biurato de amônio visualizados em sedimentoscopia da urina de um canino; (C) Ovos de *Trichuris* sp. e de (D) *Toxocara* sp. observados no exame coproparasitológico; (E) *Hepatozoon canis*, (F) inclusão viral, (G) célula de Moot, (H), *Babesia canis*, (I) Microfilárias encontradas em esfregaços sanguíneos; (J) Organismos leveduriformes compatíveis com *Sporothrix* spp. em lâmina com imprint de lesão de felino; (L) Formas amastigotas de *Leishmania* spp. observada em PAAF de lesões papulares em borda de orelha em um cão positivo para LVC; (M) *Lynxacarus radovskyi* em exame parasitológico direto de um felino; (N) Pelos infectados por dermatófitos no exame micológico direto; (O) Snap IDEXX 4DX PLUS (Elisa), positivo para *Ehrlichia* sp.; (P) Teste Imunocromatográfico da ALERE FIV/FELV com resultado negativo - Recife – 2019. Fonte: Arquivo pessoal.



4. RELATO DE CASO

4.1. Corno cutâneo em coxins plantares e palmares de um felino

4.1.1. Resumo

O corno cutâneo, ou chifre cutâneo, é um crescimento córneo incomum na pele de felinos, estando na maioria das vezes associado com outras afecções subjacentes. Este tumor epidérmico tem sido citado na literatura como sentinela do Vírus da Leucemia Felina (FeLV), uma virose de grande importância da medicina felina. Este trabalho visa relatar um caso de corno cutâneo em coxins plantares e palmares de um felino sem raça definida, atendido durante o período do estágio supervisionado obrigatório na Clínica Veterinária Cardeal Pet.

Palavras-chave: corno; neoplasia; felino; FeLV.

4.1.2. Fundamentação teórica

O corno, ou chifre cutâneo, é uma doença rara de pele de caráter neoplásico que ocorre em diversas espécies, incluindo o homem, sendo incomum em felinos (YAGER; SCOTT, 1992; SOUZA et al., 1999). Esta afecção é caracterizada por extensões benignas de tecido córneo, localizadas e semelhantes a pequenos chifres sobre a pele (HARVEY; MCKEEVER, 2004). A etiologia de muitos chifres cutâneos é desconhecida, porém, sabe-se que podem se originar a partir de papilomas virais, ceratoses actínicas, carcinomas boweóide *in situ*, carcinomas escamosos invasivos de poros dilatados, acantomas ceratinizantes infundibulares e outras disqueratoses (GROSS et al., 2004).

Não existe predisposição de idade, sexo, raça ou local para o corno cutâneo em gatos. Pode se apresentar isolado ou múltiplo, podendo ter crescimento induzido por retrovíroses, servindo também como sentinelas para estas (LARSSON; LUCAS, 2016). O FeLV ou o vírus do sarcoma felino são relacionados com o aparecimento desta dermatose (YAGER; SCOTT, 1992; HARVEY; MCKEEVER, 2004). Porém, cornos cutâneos também já foram relatados em gatos negativos para estas duas infecções virais (KEITH; ADAM, 2018).

Este tipo de tumor epidérmico não é pruriginoso e pode ficar escondido sob o pelo em animais de pelagem longa, sendo revelados apenas quando o pelo é tosado (HARVEY; MCKEEVER, 2004). O chifre cutâneo apresenta-se como projeções corneóides firmes de até 5 cm de comprimento, sendo esta medida maior que sua

largura (MILLER et al., 1996) e podendo ser cônico ou cilíndrico, não sendo facilmente removido da pele onde se desenvolveu (KEITH; ADAM, 2018). As lesões associadas a infecção viral se revelam na região central dos dígitos ou coxins metacarpianos/metatarsianos (GROSS et al., 2004).

A histopatologia do corno e do tecido adjacente é importante para tentar identificar alguma causa subjacente (HARVEY; MCKEEVER, 2004). São observadas áreas de hiperplasia epidérmica papilomatosa bem delimitada, de onde se projeta uma coluna compacta de queratina assemelhando-se a uma unha; porém, quando existe associação com FeLV, pode-se ver disceratose ou ceratinócitos multinucleados e/ou vacuolizados (KEITH; ADAM, 2018) com eosinófilos espalhados e encolhidos (GROSS et al., 2004). O tratamento de escolha é extirpação cirúrgica radical (KEITH & ADAM, 2018).

4.1.3. Objetivo

Relatar um caso de um corno cutâneo em região de coxim em um felino, fêmea, SRD, atendido na Clínica Cardeal Pet, na área de Clínica Médica de Pequenos Animais, durante o período de estágio supervisionado obrigatório.

4.1.4. Relato de caso

Felino fêmea, castrada, sem raça definida, idade aproximada de 8 anos, pesando 4,1 kg, foi atendido na clínica veterinária Cardeal Pet, para avaliação geral. Segundo a tutora, o animal tinha a presença de “calos” em todas as patas, e isso não o incomodava. Ao exame clínico revelou-se normalidade dos parâmetros vitais; membros torácicos e pélvicos apresentavam estruturas cuneiformes dispostas caudalmente, às unhas do felino, de cor amarelada a marrom medindo entre 1 e 2 cm, aproximadamente, nos quatro membros, além de hiperqueratose (Figuras 7 e 8), porém com ausência de dor à palpação. Não havia nenhuma lesão na base desta neoformação.

Devido à característica da lesão, suspeitou-se de cornos cutâneos e papilomatose, incluindo uma provável relação com o vírus da leucemia felina (FeLV).

Em seguida, foram solicitados hemograma com plaquetometria e proteína total, além de teste imunoenzimático para FIV e FeLV. Foi realizada biópsia da estrutura

para posterior exame histopatológico. O material antes de ser enviado para o laboratório foi fixado em formol 10%.

Figura 7 - Cornos cutâneos em coxim palmar de felino 8 anos de idade, SRD, fêmea. FONTE: Arquivo pessoal.



Figura 8 - Cornos cutâneos em coxim plantar de felino 8 anos de idade, SRD, fêmea. FONTE: Arquivo pessoal.



4.1.5. Resultados e discussão

Os valores do hemograma (Figura 9) revelaram leve leucocitose por neutrofilia, eosinofilia e linfocitose absolutas.

Figura 9 - Resultado do hemograma completo do felino do relato de caso, atendido na Clínica Cardeal Pet, no período de ESO - Recife – 2019. Fonte: Arquivo Pessoal.

AVALIAÇÃO DO PLASMA				
Teste	Resultado	Valores de Referência*		
Aspecto Físico	Normal	Limpido e incolor		
Proteínas Plasmáticas (g/dL)	8,0	6-8		
ERITROGRAMA				
Teste	Resultado	Referência*	Observações de Lâmina	
Hemácias (x 1.000.000 cél/µl)	5,12	5,0 – 10	Plaquetas preservadas.	
Hematócrito (%)	28	24 – 25		
Hemoglobina (g/dL)	9,2	8,0 – 15		
VCM (fL)	39,0	39 – 55		
CHCM (%)	32,9	30 – 36		
Metarrubricito (/100 Leucócitos)	0			
LEUCOGRAMA				
Teste	Resultado	Intervalo de Referência*		
Leucócitos Totais (cél/µL)	19,49	6,0 – 19,0		
Leucometria diferencial	Relativa (%)	Absoluta (cél/µl)	Relativa (%)	Absoluta (cél/µl)
Mielócitos	0	0	0 - 0	0 – 0
Metamielócitos	0	0	0 - 0	0 – 0
Bastonetes	0	0	0 - 3	0 – 300
Segmentados	70	13643	35 - 75	3.000 – 11.500
Eosinófilos	10	1949	2 - 12	100 – 1.250
Basófilos	0	0	Raros	Raros
Linfócitos	19	3703	20 – 55	1.000 – 1.250
Monócitos	1	195	1 - 4	150 – 1.250
AVALIAÇÃO DAS PLAQUETAS				
Teste	Resultado	Valores de referência*		
Plaquetas / µL	363.000	230.000 – 680.000		

O aumento do número de neutrófilos maduros na corrente sanguínea, e em menor grau de linfócitos maduros, revela uma leucocitose fisiológica desencadeada pela ansiedade e esforço físico causado no momento da contenção para colheita de sangue (MEYER et al, 1995). BUSH (2004) afirma que a presença de neoplasias, dermatites e parasitismo são algumas causas para eosinofilia em animais, sendo estes os três fatores possivelmente associados com o aumento deste leucócito no leucograma.

O resultado do teste de imunocromatografia de fluxo lateral unidirecional para FIV/FeLV se mostrou negativo, revelando que não foi encontrada a proteína p27 do vírus da FeLV, nem anticorpos da classe IgG para o FIV, no sangue circulante do paciente. Um estudo avaliando os testes de triagem para estas viroses felinas no Brasil, revelou que a sensibilidade e especificidade deste teste de triagem chega a 96,15% e 98,68%, respectivamente (MEDEIROS et al., 2019), porém, resultados falso-negativos podem ser encontrados, visto que na infecção regressiva/latente a FeLV só é diagnosticada através da detecção do DNA pró viral, pela técnica de PCR (HOFMANN-LEHMANN et al., 2008).

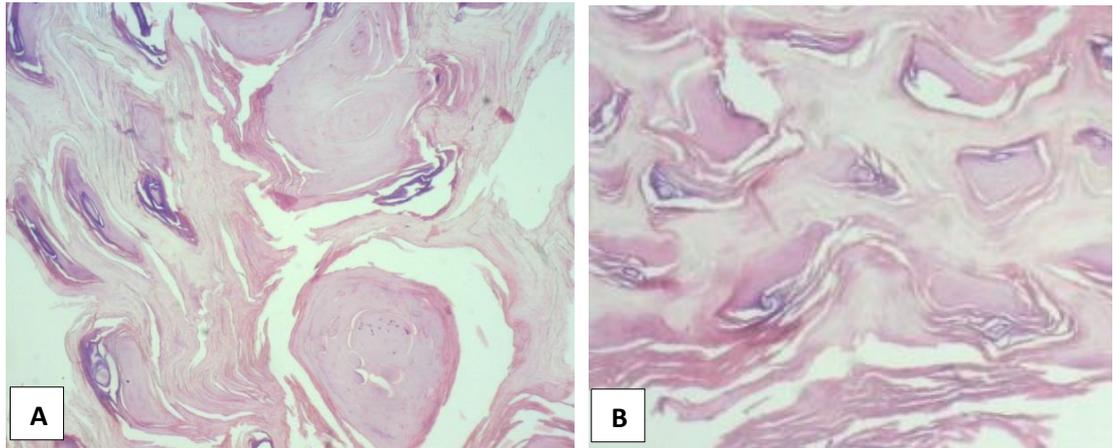
O resultado do histopatológico revelou a presença de projeções papilares, no epitélio, moderadamente hiperplásicas e discretamente hiperkeratóticas, em direção à derme. Ainda células neoplásicas grandes, de citoplasma abundante e eosinofílico, com discreta anisocitose e anisocariose, além de discreta quantidade de linfócitos e plasmócitos entremeando a lesão. A presença de células inflamatórias no histopatológico da lesão corrobora com o histórico crônico da mesma, segundo afirmam GROSS et. al (2004), o mesmo autor cita que a presença de linfócitos e plasmócitos também estão relacionados com a presença de fissuras na estrutura do corno, observadas no exame clínico. A histopatologia revelou uma lesão benigna, corroborando com a literatura, já que o corno cutâneo tem uma apresentação não-maligna (KEITH; ADAM, 2018).

Os achados revelam corno cutâneo associado a um papiloma escamoso, sendo este último a causa base para o desenvolvimento do chifre cutâneo no paciente, já que esta afecção pode ser desencadeada através de papilomas (MILLER et al., 1996).

A fotomicrografia foi solicitada e observou-se que os cortes na peça enviada foram realizados no sentido horizontal em relação ao corno, obtendo, assim, imagens não tão comuns àquelas encontradas na literatura (Figura 10 A e B), já que não se observam colunas de queratina compacta surgindo da epiderme com hiperplasia

papilomatosa (GROSS et al., 2004), e sim projeções de queratina seccionadas indo em direção ao epitélio, devido ao corte horizontal na peça enviada ao laboratório. O fato de a secção do corno não ter sido realizada com margem cirúrgica dificultou a observação do patologista responsável pelo processamento da amostra, gerando o erro no corte da peça.

Figura 10 - (A, B) Fotomicrografia. Presença de projeções papilares, discreta hiperqueratose em direção à derme. FONTE: Arquivo pessoal.



A apresentação da lesão no coxim plantar e palmar, logo abaixo das unhas, e o fato de o animal ser negativo para FeLV, condiz com o que GROSS et. al (2004) afirmam, de lesões nestes locais serem comuns em felinos negativos para esta retrovírose.

O diagnóstico diferencial é limitado para esta afecção, sendo o papiloma viral um deles. Na revisão de literatura encontrou-se poucas citações de cornos cutâneos em coxins plantares de felinos, sendo este caso uma apresentação incomum, com associação de papiloma escamoso.

A imunohistoquímica para FeLV e papilomatose é de grande valia para detectar estas infecções virais por imunomarcagem nas lesões e traçar um fiel prognóstico e terapia para o animal (GROSS et al., 2004), porém o tutor não tinha condições financeiras para arcar com o valor destes exames, fechando assim o caso a partir do histórico, apresentação clínica, hemograma e bioquímico, teste imunoenzimático ELISA para FIV/FeLV e histopatológico da lesão.

Decidiu-se não realizar nenhum procedimento cirúrgico para retirada dos cornos cutâneos devido ao seu caráter recidivante, então o animal continua em observação sem tratamento de acordo com MILLER et. al (1996).

4.1.6. Conclusão

Face ao exposto, pode-se considerar que o corno cutâneo é uma afecção rara em gatos, porém, há a necessidade de seu conhecimento no exercício da Clínica Veterinária, visto poder estar associado ao vírus da leucemia felina. Mesmo que, no caso relatado, o animal não tenha sido positivo para FeLV, este tumor benigno epidérmico deve ser visto como possível lesão sentinela para esta virose felina (LARSSON; LUCAS, 2016). Como o chifre cutâneo pode gerar dor ao caminhar, nesses casos a retirada cirúrgica é necessária, informando ao tutor que o corno pode voltar a crescer, sendo, muitas vezes, necessário outro procedimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No período de vivência do ESO observou-se que a maioria dos casos acompanhados na CMPA eram dermatológicos, confirmando os ensinamentos durante a disciplina de Clínica Médica de Pequenos animais cursada durante a graduação. Durante o período na Clínica Veterinária Cardeal Pet foi realizado um evento de castração solidária de felinos, sendo isto a causa do grande número de castrações citadas na casuística de procedimentos cirúrgicos da área de CCPA. O contato prático com a Patologia Clínica no laboratório Analisa Pet, contribuiu muito para o crescimento do conhecimento científico e clínico devido a intensa demanda de exames realizados durante o ESO.

Foi de grande valia todos os momentos vividos no local de estágio, neste processo final para obtenção do grau de bacharel em Medicina Veterinária. Acompanhar a prática do que se estudou durante a graduação é uma linda experiência. Quando se consegue aplicar o que se aprendeu, prova-se a si mesmo que muito foi absorvido, e continuará sendo trabalhado no decorrer do tempo somado as experiências profissionais que virão a seguir.

6. REFERÊNCIAS

BESSOLI, E. D. G. **Apostila de Patologia Clínica Médica e terapêutica de pequenos animais**. São Paulo. 2008. 200p.

BUSH, B. M. **Interpretação de resultados laboratoriais para clínicos de Pequenos Animais**. 1. ed. São Paulo: Roca. 2004. 100-148p.

DUBIELZIG, R. R. **Primary Tumors of the Canine Conjunctiva, Eyelids and Orbit.** 2014a. Acessado em 17 de Junho de 2019 em <http://www.vetmed.wisc.edu/pbs/dubielzig/pages/coplow/PowerPoints/CanineConjLidsOrbitSask2014.pdf>.

ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. **Tratado de medicina interna veterinária.** 5 ed, v. 1. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2004. 424-427p.

FAGRA. **Higienização do pavilhão auricular.** Acessado em 20 de junho de 2019 em <http://www.fagra.com.br/index.php>. 2006

FERREIRA P. C. C. **Avaliação da hemodiafiltração no período peri-operatório da ovariectomia, em cadelas com piometra e refratárias ao tratamento conservador da insuficiência renal aguda.** São Paulo, 2006. 176p. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GIOSO, M. A. **Complexo Gengivite-estomatite.** In: Odontologia para o clínico de pequenos animais. 5 ed. Editora: São Paulo. 2003. 55-58p.

GROSS, T. L.; IHRKE, P. J.; WALDER, E. J.; AFFOLTER, V. K. **Doenças de pele do cão e do gato – diagnóstico clínico e histopatológico.** 2. ed. São Paulo: Editora ROCA. 2004. 546 p.

HARVEY, R. G.; MCKEEVER, P. J. **Manual colorido de dermatologia do cão e do gato – diagnóstico e tratamento.** 1. ed. São Paulo: Editora Thieme Revinter. 2004. 147 p.

HOFMANN-LEHMANN, R.; CATTORI, V.; TANDON, R. et al. **How molecular methods change our views of FeLV infection and vaccination.** Veterinary Immunology Immunopathology. v.123, p.119-123, 2008.

KEITH A. H.; ADAM P. P. **Dermatologia de Pequenos Animais - Atlas Colorido e Guia Terapêutico.** 4. ed. São Paulo: Editora ELSEVIER, 2018. 443p.

LAPPIN, M. R. Doenças riquetsianas polissistêmicas. In: NELSON, R. W.; COUTO, C. G. (Organizadores). **Medicina Interna de Pequenos Animais**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. 1006 – 1011p.

LARSSON, C. E.; LUCAS, R. **Tratado de medicina externa – dermatologia veterinária**. São Caetano do Sul: Interbook, 2016, 853p.

MASON, K. V.; FROST, A.; O'BOYLE, D.; CONNOLE, M. D. Treatment of a *Microsporum canis* infection in a colony of Persian cats with griseofulvin and a shampoo containing 2% miconazole, 2% chlorhexidine, 2% miconazole and 2% chlorhexidine or placebo. **Veterinary Dermatology**, v. 55, n. 1, mar. 2000.

MEDEIROS, S. O.; SILVA, B. J. A.; CARNEIRO, A. L.; FERREIRA JÚNIOR, O.C.; TANURI, A. Avaliação de dois testes sorológicos comerciais para diagnóstico das infecções pelo FIV e pelo FeLV. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 447-454. out. 2019.

MEYER, D. J.; COLES, E. H.; RICH, L. J. **Medicina de Laboratório Veterinária**. 1. ed. São Paulo: Roca, 1955. 23-36p.

MOZES, R.; PEARL, D.; ROUSSEAU, J.; NIEL, L.; WEESE, J. Dermatophyte surveillance in cats in three animal shelters in Ontário, Canadá. **Journal Feline Medicine Surgery**, Canadá, v. 19, n. 1, p. 1-4. nov. 2015.

NELSON R. W.; COUTO C. G. Distúrbios da vagina e útero. In: **Fundamentos da medicina interna de pequenos animais**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2006. 486-87p.

NELSON R. W. Diabetes mellitus canina. In: MOONEY C. T.; PETERSON, M. E. **Manual de Endocrinología en pequeños animals**. 3 ed. British Small Animal Veterinary Association, 2007. 163-186p.

RAMSEY, I.; TENNANT, B. **BSAVA Manual of Canine and Feline Infectious Diseases**. 1 ed. United Kingdom: British Small Animal Veterinary Association. 2001. 88p.

RHODES, K. H. **Dermatologia De Pequenos Animais consulta em 5 minutos**. Rio de Janeiro: Editora Reinter, 2002. 215p.

SCOTT, D. W., MILLER, W. H., GRIFFIN, C. E. MULLER & KIRK. **Dermatologia de pequenos animais**. 5. ed. Rio de Janeiro: Interlivros, 1996. 1039p.

SHERDING, R. G. Riquetsiose, erliquiose, anaplasmosse e neoriquetsiose. In: BIRCHARD, S. J; SHERDING, R. G. (Organizadores). **Manual Sanders: Clínica de pequenos animais**. 3.ed. São Paulo: Roca, 2008. 184-189p.

SOUZA, E. L. et al. **Cornos cutâneos nos coxins palmares e plantares em um gato**. In: Congresso Internacional de Medicina Felina, 1999. Rio de Janeiro: Colégio Brasileiro de Cirurgiões, 1999. 17p.

YAGER, J. A.; SCOTT, D. W. The skin and appendages. In: JUBB, K.V.F. et al. (Organizadores). **Pathology of domestical animals**. 4. ed. California: San Diego, 1992. 532-378p.